

Ensaio

OS ESTADOS QUE SE CUIDEM*

As homenagens obedecem, quase sempre, a um sentido de retribuição. Não é raro confundirem-se o gesto da retribuição com a atitude do reconhecimento.

Por isso, as homenagens que parecem, quase sempre, destinadas a molduras de momentos inesquecíveis tendem, com o tempo, a se diluírem até que, um dia, ninguém mais se lembre delas¹.

Isso me faz pensar em Anísio de Abreu e em Clodomir Cardoso, que nem estavam velhos, já estavam mortos, quando lhes prestaram certas homenagens.

Anísio de Abreu (1863/1909) é uma das figuras públicas mais importantes da história do Piauí. Deputado Estadual, Deputado Federal, Senador, Governador, jornalista, poeta, jurista, pensador avançadíssimo para aquele tempo, defensor do divórcio, foi o Relator no Código Civil do Capítulo referente à Família. Em 1960 homenagearam-lhe dando o seu nome à antiga sede da Assembléia Legislativa. Em 1985, a Assembléia Legislativa, em novo prédio, passou a ter novo Patrono, Petrônio Portela, um grande democrata.

Clodomir Cardoso (1879/1953), poeta, jornalista, jurista, grande magistrado, professor, Prefeito de São Luís-MA, Governador, Deputado, Senador. A ele muito se deve a inserção no nosso direito constitucional do mandado de segurança. Em Caxias-MA, década de 50, homenagearam-lhe dando o seu nome a uma rua que nem rua ainda era; apenas um caminho pelo Cangalheiro² para um cemitério distante numa das saídas da cidade. Pois este ano tiraram-lhe o nome da rua para ceder lembrança a um dos seus moradores, o engenheiro Jadiel

* Discurso proferido por ocasião do recebimento do Título de Cidadão Piauiense na Assembléia Legislativa do Estado do Piauí, em 10/12/1997.

1. Eurídice, minha mulher, não sei se de ironia mas com certeza de bom humor, tem me aconselhado a pensar muito antes de aceitar certas homenagens. Ela me lembra que eu não estou velho e que aos velhos, sim, por todas as razões de reconhecimento, é que devemos nos voltar com todo tipo de homenagens.
2. Bairro antigo de Caxias-MA, formado a partir de uma estrada que, passando pelo riacho Itapecuruzinho, afluente do Rio Itapecuru, dava acesso ao entreposto comercial conhecido como Três Corações, onde existe ainda hoje um movimentado comércio atacadista. A palavra “cangalheiro” vem de cangalha; era o lugar onde os tropeiros vindos do interior do mato, trazendo mercadorias de sua produção agrícola, paravam antes do dia amanhecer, retirando as cangalhas dos animais que, assim, descansavam.

Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TFR e STJ

Carvalho, o qual, se consultado antes de morrer, tenho certeza, reprovaria a homenagem.

Ser admitido como Cidadão Honorário do Estado do Piauí muito me conforta. Eu sei que nessa categoria são incontáveis os cidadãos. Muitos outros poderão ainda ser Cidadãos Honorários deste Estado sem que seja preciso cassar o meu título. Homenagem como esta não enseja receios futuros. Nessa categoria sempre cabe mais um...

Um cidadão de um lugar tem mais que direito a ser reconhecido como um igual entre os demais. Tem direito a se interessar pelas pessoas e pelas coisas; tem a obrigação de falar sobre as questões e de participar das inquietações buscando soluções.

Aqui os meus deveres para com o Brasil se ampliam porque passo agora a ter compromissos especiais também com o Povo do Estado do Piauí.

Nossa realidade social contrasta, de forma gritante, com as nossas potencialidades naturais.

Mas não nos falta a coragem para declarar ao Brasil as nossas dificuldades. Em cada mil crianças aqui nascidas, escapam 951 (novecentas e cinquenta e uma). Entre a população estimada em 2,7 mi (dois milhões e setecentos mil habitantes), cerca de 800.000 (oitocentos mil), em idade escolar, nunca viram a porta de uma escola, talvez só de longe, porque continuam na ignorância, sem saber ler e escrever.

Isto é assustador, sim, mas não chega a ser tão escandaloso se visto num quadro de dificuldades mais abrangentes.

Por exemplo: o que o Banco Central do Brasil gastou recentemente, num só dia, em reservas cambiais, comprando dólar, numa operação de defesa do Real contra ataques dos especuladores internacionais que derrubaram ações nas bolsas de São Paulo e do Rio de Janeiro, equivale a mais do que se contabiliza como PIB/Produto Interno Bruto no Piauí durante um ano. (O nosso PIB anual é de R\$ 5,2 bi e do BC consumiu reservas de cerca de U\$ 8 bi, em um dia)

Os recursos que vêm de fora são poucos; as dificuldades nacionais, dizem a toda hora, são enormes.

Mas não se reforma o Estado brasileiro, sucateia-se a administração federal. Não se investe na profissionalização dos funcionários, contra a burocracia, para a prestação do serviço público de qualidade.

Não se moderniza o Judiciário, deprecia-se a eficácia de suas instâncias; recusa-se pelas procrastinações o cumprimento dos julgados; inserem-se leis



Ministro Edson Carvalho Vidigal

injustas no ordenamento jurídico; pratica-se a pena de morte, na forma de execução lenta, mantendo-se os sentenciados sob condições extremamente desumanas; enfim, mantém-se procedimentos cartorais, antiquados, como se de propósito, para quase tudo não funcionar.

Discute-se muito, mas não se avança, na prática, para as reformas políticas.

Estou com os que querem o voto distrital misto, a cláusula de barreira para funcionamento parlamentar dos partidos, a redução dos limites máximos para a composição de todas as casas legislativas, inclusive o Senado que só deveria ter dois Senadores por Estado e com mandato de apenas seis anos; sou pela ampliação das dificuldades para a criação de novos Municípios, dentre outras medidas que reclamam urgência.

Mas enquanto isso, enquanto o tempo da legislatura federal se exaure nas propostas de reformas da área econômica, que não se realizam, não se abre uma estrada, até porque o dinheiro nem dá para tapar todos os buracos das que já existem.

Não se melhora as condições das escolas, paga-se salários indecentes aos professores. Não se faz da educação um corajoso investimento social – e não se faz porque o sistema de ensino vai ser reformado; um dia vai ser reformado...

Os organismos institucionais de defesa da sociedade, militares ou civis, federais ou estaduais, são hoje menos de fatos e quase de ficção se confrontados com as unidades operacionais do tráfico de drogas, da lavagem de dinheiro, dos seqüestros, dos crimes organizados no País.

Não há dinheiro para o custeio da segurança dos cidadãos. Para onde estamos indo? Onde isso tudo vai parar?

A Federação agoniza.

Acredito que com a união dos brasileiros em atitudes firmes, inclusive contra as mentiras dessa falácia nacional, essa que está em cartaz, – atitudes que não resultem em mais sacrifícios do que os últimos a que nos condenam – haveremos de afastar, nestes tempos difíceis, os receios que nos circundam em relação ao futuro do Brasil.

Os Estados que se cuidem, é a palavra de ordem em Brasília.

Nós aqui, no Piauí, poderíamos estar em condições diferentes – mais para pior – se o nosso Povo não fosse de gente tão brava, resistente, fiel à própria história; gente que não decai na certeza de que só pelo trabalho honesto é possível sobreviver à fome, ao desabrigo, às doenças.

O Piauí resiste porque seu Povo se recusa a perder a sua identidade. Não desprende-se de suas raízes, seus vales, seus rios, riachões, riachos,

Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TFR e STJ

açudes, cacimbas. Não tem medo do semi-árido, nem do árido; sabe viver nesse intenso verão e quando acontece de aparecer um inverno não se surpreende com a força das enxurradas. É um imbatível mesmo diante do chão que se racha, de tão seco.

Este é o Piauí das pequenas e médias cidades, todas decentes, limpas, bem harmonizadas nos espaços urbanos e rurais; o Piauí dos carnaubais e dos cajueiros, dos mangueirais e dos canaviais, do melhor carangueijo e dos camarões que os europeus mandam buscar; o Piauí onde não se vê gente triste. Aqui não se cultiva a tristeza. Os piauienses só conhecem a tristeza como sentimento humano derradeiro para quando, não podendo mais nada, só lhes resta se expressar de forma triste.

O Piauí sofre em razão das precariedades climáticas; sua economia não avança na linha da ambição necessária; seus indicadores econômicos e sociais são humilhantes diante do resto do Brasil. Mas nada deprime a sua gente; nada faz decair a auto-estima do seu Povo. Todos os aviões que partem de Teresina ou que chegam a Teresina estão sempre lotados; às vezes me indago – para onde esse Povo tanto viaja? O piauiense aprendeu a ser cidadão do mundo.

O Piauí é essa riqueza de contrastes – delta no encontro marcado do rio com o oceano; a seca verde do sertão, os canaviais de Castelo, o gado solto pastando nos campos do semi-árido; o entreposto de Floriano, por onde tudo passa e ainda há de passar; a exuberância de Teresina; a imponência de Parnaíba; a riqueza agreste do Gurgueia com seus poços e sua vegetação de mufumbos e pau d’arco, de bilro e de pau de coã, de sucupira e de araçá, barbatimão e de amargoso, de candeia e de canudeiro, canela de velho e de cagaite, de condurú e de chicá, de fava d’anta e de inharé, de jatobá e de mangabeira, de miroró e de maçaranduba, de sucupira e de sambaiba, de tamboril, de puça e de tartarema. Vegetações e pessoas que se entrecruzam suportando as secas com firmeza.

Os estudos arqueológicos, que prosseguem, já concluíram que, há mais de 60.000 (sessenta mil) anos, já havia gente por aqui. Todos tidos como índios, todos trucidados. Descobriram-se pinturas rupestres de 32.000 (trinta e dois mil) anos. Em Barra do Antonião, um dos sítios arqueológicos, acharam ossos de um mastodonte, de um tatu gigante e até de uma preguiça medindo oito metros de comprimento.

No ano 705 D.C. andou por aqui um certo califa Bralj-lbn, à frente de duzentas famílias açoreanas, que ele teria deixado em Parnaíba. A história não registra se o califa tinha lhes vendido antes as terras da região ou se a excursão encerrava um prometido encontro com os céus.

Já neste século soube-se, em Teresina, sobre um árabe muito simpático, chamado Baduque, que emprestava dinheiro a juros. Registre-se que isso não



Ministro Edson Carvalho Vidigal

era crime e que até o Estado, nos primórdios do século, chegou a tomar dinheiro emprestado de agiotas, só que a juros de 12% ao ano.

Aqui, em Teresina, já havia, em 1877, uma biblioteca aberta ao público com 1.194 volumes; era da Sociedade Propagandística da Instrução Pública. A Biblioteca da Faculdade de Direito começou, em 1938, com 14.400 volumes.

Este Piauí foi dos poucos Estados onde se prestou jurisdição com Códigos próprios. Teve inclusive Códigos de Processo Civil e de Processo Penal, entre 1919 e 1939. O Código Eleitoral de 1932 foi obra parlamentar de João Crisóstomo da Rocha, Deputado do Piauí.

Aqui serviu Clovis Bevilacqua³ como Secretário do Governo e Conselheiro do primeiro Governador, nos primórdios da República. Aqui ele conheceu Amélia Carolina de Freitas, romancista, cronista, contista, por ela se apaixonou, com ela se casou.

Este é o Piauí de pecuária forte, tradicional exportador de gado e, por isso, a difusão nacional daquela modinha – “o meu boi morreu/ o que será de mim/ manda buscar outro, ó maninha/ lá no Piauí...”. Piauí dos Barões – Barão da Parnaíba, Barão de Campo Maior, Barão de Castelo Branco, Barão de Gurgueia, Barão de Loreto, Barão de Monte Santo, Barão de Paraim, Barão de Santa Filomena, Barão de Três Barras, Barão de Turiaçu, Barão de Uruçui, Barão de Monte Santo, Barão de Vila Franca.

Piauí da carnaubeira branca, que serve de remédio para curar sífilis.

Piauí com as suas lendas povoando lembranças da infância encantada como o Barba Ruiva, da lagoa de Parnaguá, no vale do rio Paraim; o Cabeça de Cuia, dos rios Poty e Parnaíba; o Carneirinho de Ouro, de Oeiras; a Besta Fera, de Amarante.

Não se conhece no Brasil piauiense esmoler.

O piauiense não mendiga porque cultiva o sentimento da vergonha, é orgulhoso de suas virtudes, recusa-se a pedir esmolas.

Filósofo, poeta, cantador, ator, repentista, vaqueiro, desportista, professor, artesão, romancista, jornalista, ricoço, político, cientista, inventor, contador de lorota, até doido ou economista é possível encontrar. Mas esmoler ou vigarista, peculatório ou bandido, se alguém disser que é do Piauí está mentindo. No Piauí não tem disso não...

Piauí que abriga em seus semi-áridos o Canto do Buriti, lugar onde nasceu Maria Helena, minha mãe. Piauí de Floriano, onde ela viveu e morreu e onde está

3. Grande jurista, principal redator do Código Civil Brasileiro, de 1º de janeiro de 1916.

Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TFR e STJ

sepultada com o Elmar, meu irmão. Piauí de Teresina, de onde saiu o Carvalho que ostento orgulhosamente entre o prenome e o último sobrenome.

Sim, sou Carvalho do Piauí, da parte de minha mãe.⁴

Penso que por tudo isso, tenho vivido assim, dividido entre os carnaubais e os babaçuais, entre o Rio Parnaíba e o Rio Itapecuru, entre as estações do trem em Teresina e em São Luís, como se meu coração, que nem o do poeta, fosse um balde despejado⁵ nesses dois rios ou como se eu tivesse dois corações formando uma geografia só, neste meio-norte do Brasil.

Norberto Bobbio⁶ observa que “falar de si é um vício da idade avançada”. Sei que não preciso me preocupar muito em demonstrar que ainda não tenho idade para cultivar esse vício.

Meses depois que o Brasil ganhou a primeira Copa do Mundo, na década de 50, o Botafogo⁷ veio jogar em Teresina, trazendo Didi e Garrincha, atrações principais.

Jardineiras⁸ empoeiradas requebravam-se entre buracos e catapis da estrada que ainda se construía. Em Caxias, uns cinco garotos, na escola, resolveram que viriam a Teresina para ver os campeões do mundo. Aquilo para nós carregava a mesma expectativa histórica, que eu experimentaria mais tarde, quando os três primeiros astronautas, depois de passearem na lua, voltaram à Terra.

Viríamos a Teresina pedindo carona, de jardineira ou de caminhão. Por uma semana vivemos as emoções prévias da aventura; escondidos das famílias. No dia marcado, todos desistiram. Menos eu. Fui na carroceria de um caminhão que me alcançou, andando a pé, a alguns quilômetros depois da corrente do Posto Fiscal.

4. Minha tia Iracema, que também é piauiense, me contou que foi procurar trabalho de enfermeira no Hospital Getúlio Vargas. Ficou algumas horas num corredor esperando ser chamada para a entrevista e os testes. Estava quase desistindo, pensando em ir embora, quando uma voz forte chamou – “Iracema Carvalho!”. Ninguém se acusou. Ela deu um tempo, a mesma voz chamou o mesmo nome outra vez. Ela se apresentou. Ganhou o emprego, voltou feliz. Minha mãe viu nisso um sinal de boa sorte. Quando nasci, ela inseriu o Carvalho no meu nome, passando a ser esse também o seu sobrenome.
5. O poeta a que me refiro é Fernando Pessoa (1888-1935). No seu poema “Tabacaria”, a certa altura, ele diz – “Meu coração é um balde despejado”.
6. Um dos mais importantes pensadores políticos deste século. Nasceu em 1909 em Piemonte, Itália. Professor, escritor, jurista, Senador Vitalício, tem vários livros publicados no Brasil, dentre eles “De Senectute”, (Editora Campus, Rio de Janeiro), de onde extraí esta frase.
7. Time de futebol do Rio de Janeiro. Didi e Garrincha foram emprestados pelo Botafogo à Seleção Brasileira, que venceu a Copa do Mundo nos gramados da Suécia.
8. Tipo de transporte coletivo, misto de caminhão e ônibus, muito comum à época no nordeste.

Ministro Edson Carvalho Vidigal

O caminhão só chegou à noite, estacionou na Praça Saraiva, passagem da Rua Paissandu, onde ficavam os grande cabarés. O futebol já havia terminado, pedi para dormir na carroceria – e ainda tenho nítidos o calor e o bafo do babaçu no encerado da locomotiva em que eu buscava me proteger das muriçocas. Tarde da noite um policial me descobriu e me levou para dormir no corredor de uma Delegacia na mesma Praça Saraiva. Desconfiado e assustado, quem foi que disse que eu dormi? Aquela noite foi a mais longa. Nunca a esqueci.

Meu fascínio por Teresina, meu interesse pelo Piauí não iriam esmorecer só porque, no dia seguinte, a Polícia me embarcou de volta, na primeira jardineira do “Galinha”⁹.

Agora o Povo do Piauí, pelos seus representantes eleitos, me confere essa grande honra – agora eu sou também um Cidadão do Estado do Piauí.

Isto será sempre para mim um motivo de grande orgulho. Farei tudo ao meu alcance para nunca faltar aos meus deveres desta cidadania.

Estarei sempre atento à advertência inscrita no brasão do nosso Estado – *“Impavidum ferient ruinae”*; ou seja, “os corajosos não temem a desgraça”.

Obrigado.

9. Apelido do dono da “jardineira”. Na parte de cima da boléia tinha escrito – “Lá Vem o Galinha”. No pára-choque dianteiro, “Sofrendo É Que Se Aprende”.

